

Eça de Queirós e Maria Amália Vaz de Carvalho: intersecções dialógicas sobre a política educacional feminina em Portugal no século XIX

Tatiana Prevedello

PPLet-UFRGS

t_prevedello@hotmail.com

Data de receção do artigo: 10-08-2015

Data de aceitação do artigo: 08-01-2016

Resumo

A representação do cotidiano português do século XIX, nos romances de Eça de Queirós, tem sido objeto de relevantes reflexões sobre a composição do *corpus* social, nos aspectos históricos, políticos, religiosos, além dos costumes que caracterizaram uma época. Objetivamos analisar como a educação feminina é apresentada nas páginas do autor em *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e os *Maias*. A discussão está amparada no texto *Mulheres e creanças: notas sobre educação*, de Maria Amália Vaz de Carvalho. A autora examinou a condição da mulher em Portugal no período oitocentista e, em sua tese, defende a educação feminina como uma forma de libertação do amesquinamento intelectual, responsável por desencadear vícios que se institucionalizaram nos papéis delegados à mulher.

Palavras-chave: Romance – Ensaio Crítico – Século XIX – Sociedade – Mulheres – Educação

Abstract

The representation of the Portuguese daily life of the nineteenth century, in the novels of Eça de Queiros, has been the subject of relevant reflections about the composition of the social corpus, in the aspects historical, political, religious, beyond the customs that characterized the period. We aimed to analyze how female education is presented in the author's pages in *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e *Os Maias*. The discussion is supported in the text *Mulheres e creanças: notas sobre educação*, by Maria Amália

Vaz de Carvalho. The author examined the status of women in Portugal in the nineteenth century period, and his thesis defends female education as a form of liberation for intellectual poverty, responsible for creating problems in the social roles of women.

KEY-WORDS: Novel – Critical Essay – XIX Century – Society – Women – Education

1. A educação feminina em Eça de Queirós e Maria Amália Vaz de Carvalho: considerações iniciais

O trabalho intelectual e artístico de Eça de Queirós mostrou um significativo empenho ao propor um debate relacionado às questões que norteavam a educação portuguesa no século XIX. Nos textos queirosianos a educação é um tema de relevante expressão, uma vez que, tanto no âmbito da ficção quanto na imprensa, denúncias e reflexões referentes ao processo educacional ao qual os indivíduos foram submetidos e aos mecanismos para a formação de uma sociedade mais igualitária são recorrentes.

A postura política de Eça de Queirós referente à questão educacional também mostrou que, para combater o fenômeno da “literatura de sentimento”, amplamente discutido em sua conferência no Casino¹, em 1871, a educação portuguesa deveria redimensionar os seus princípios, sendo substituída pela “anatomia

¹ As *Conferências do Casino* são consideradas como um manifesto de geração. Foram denominadas dessa maneira por terem acontecido em uma sala alugada do Casino Lisbonense, configurando-se como uma série de cinco palestras realizadas em Lisboa no ano de 1871, pelo grupo do Cenáculo, formado pelas pessoas que constituíram a Geração de 70, ou seja, um grupo de jovens escritores e intelectuais, os quais se reuniram em Lisboa após acabarem os seus estudos em Coimbra. Em 12 de Junho de 1871 ocorreu a 4ª Conferência, a qual intitulou-se como “A literatura nova ou o realismo como nova expressão de arte”, ministrada por Eça de Queirós. Eça destacou a necessidade de operar uma revolução na literatura, semelhante àquela que estava ocorrendo na política, na ciência e na vida social. Oferecendo uma noção mais concreta sobre o Realismo, Eça sistematizou os seguintes aspectos a respeito do movimento: “1º) O Realismo deve ser perfeitamente do seu tempo, tomar a sua matéria na vida contemporânea. (...); 2º) O Realismo deve proceder pela experiência, pela fisiologia, ciência dos temperamentos e dos caracteres; 3º) O Realismo deve ter o ideal moderno que rege a sociedade – isto é: a justiça e a verdade”. In: Queirós (1871): “4ª Conferência: A literatura nova ou realismo como nova expressão de arte”, *Casino Lisbonense*, in Matos (Org.) 1988: 127.

do caráter". O respectivo posicionamento revelou a preocupação do autor frente ao modelo educacional português vigente no período, relativo às condições físicas e pedagógicas, aos níveis da educação formal, aos mestres e sua formação precária, à educação masculina em detrimento da educação feminina, além de elaborar um panorama referente ao ensino europeu comparado ao português. A estrutura organizacional da educação portuguesa configurou-se como uma das diversas barreiras que impossibilitavam o progresso científico e cultural do país. O autor, em parceria com Ramalho Ortigão, teceu diversas críticas a respeito da moldura precária que revestia o quadro da educação no país. Eça de Queirós (2000: 842), por sua vez, em março de 1872 afirmou, n'*As farpas*, que a responsabilidade da educação pública devia ser do governo municipal, o qual não realizava nenhum esforço com o propósito de suprir as carências relativas à formação intelectual do povo e, de modo consequente, os investimentos financeiros no setor eram precários, mantendo-se uma situação de completo descaso.

Em conformidade com Saraiva e Lopes (1996) Eça de Queirós manifestou, igualmente, interesse pela educação feminina, uma vez que a mulher sempre ocupou uma posição vulnerável, tanto no âmbito da sociedade quanto da cultura. Na atividade artística e intelectual do autor as análises referentes à educação e ao comportamento feminino foram revestidas de importância similar à crítica desenvolvida sobre as questões políticas e religiosas. Por essa razão, o caráter das personagens femininas criadas pelo autor não encontra equivalência em qualquer outro modelo literário vigente, até então, em Portugal. Nas diversas fases de produção pelas quais perpassou a obra de Eça, não é legado nenhum heroísmo ou relevo intelectual às mulheres, produtos de sua ficção. O autor situou o estado da mulher, no século XIX, ao afirmar que a mesma não possuía nenhuma independência, passava a vida envolvida com as tarefas domésticas e, quando casada, assumia a dedicação integral ao marido e aos filhos. Nessa perspectiva, a educação formal não se mostrava necessária.

Em *As farpas* (1871-1872), publicação mensal de artigos em forma de folhetins, escritos com a colaboração de Ramalho Ortigão, foram apresentados, de maneira crítica e irônica, os principais aspectos referentes a política, sociedade, economia, cultura e moral que configuravam a sociedade portuguesa. A expressão de elementos sociais como a religiosidade e os paradigmas da fé

católica, a corrupção política, os excessos da literatura romântica e o papel social da mulher, foram minuciosamente observados nesses textos. Nesse conjunto de publicações dois artigos de autoria de Eça de Queirós versam exclusivamente sobre a péssima qualidade da educação das jovens de Lisboa, cujo aprendizado que recebiam voltava-se, de forma quase exclusiva, para os deveres do casamento. Bernardes, assim situa o conteúdo dessas publicações:

Directamente relacionado com o texto de Setembro-Outubro de 1872, a *Farpa* de Março do mesmo ano apresenta as meninas solteiras, sendo que, em conjunto, os dois textos configuram um núcleo temático com ressonâncias na obra queirosiana. Aliás, os temas do adultério e da educação feminina são abordados imediatamente na farpa de abertura [...].

[...] Contudo, nas crónicas mensais, a abordagem da temática e sua relação com a educação feminina e um determinado tipo masculino são apresentadas de forma sistemática e descritiva. (2012: 109-112)

Nessa perspectiva, nos romances *O crime do padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1988) a elaboração das personagens está amplamente envolvida pelo processo educacional que receberam, uma vez que o autor transfigurou os valores de natureza social vinculados à educação nos meios burgueses oitocentistas, técnica através da qual o romancista retratou os sistemas educativos responsáveis pela postura e carácter dos indivíduos concebidos em seus romances.

A preocupação em denunciar o modelo de educação vigente em Portugal no século XIX é apresentada em *O crime do padre Amaro*, romance no qual o autor evidencia a precariedade do ensino, bem como em relação à personagem Luísa, de *O primo Basílio*, a qual representa a mulher burguesa em Portugal, envolvida pela educação sentimental baseada na leitura de romances. Em *Os Maias* é mostrado como a educação formal e institucionalizada era privilégio exclusivo dos homens advindos das camadas aristocráticas, enquanto que as mulheres recebiam uma educação condicionada a desempenhar as hipócritas convenções sociais, transfigurada no brilho exterior das *toilettes* e na performance executada nos salões.

Em um período em que a educação feminina era direcionada apenas para o casamento, a união conjugal, objetivando a ascensão

social, é amplamente incentivada pela família. A considerar que esse era o procedimento padrão na vida das mulheres portuguesas do século XIX, torna-se compreensível a razão do descaso governamental com a educação feminina, uma vez que, se a vida seria fundamentada exclusivamente no núcleo familiar, os estudos não teriam uma aplicabilidade prática.

A respectiva situação desperta questionamentos veementes nos posicionamentos ideológicos de Maria Amália Vaz de Carvalho², voz que se destaca nas letras oitocentistas em Portugal. Autora de uma produção literária extensa e variada, que abrangeu o período de 1867 a 1913, englobando textos de natureza histórica e poética, além do conto e da crônica, destacam-se entre as suas obras *Mulheres e creanças: notas sobre educação* (1880), *Contos para os nossos filhos* (1886), *Cartas a uma noiva* (1896), *A arte de viver em sociedade* (1897) e *Impressões de história* (1910). Maria Amália, de ascendência aristocrática, durante meio século manteve um célebre salão literário em Lisboa, que foi frequentado pela elite intelectual da época, como Camilo, Eça, Antero e Ramalho Ortigão. Em 1874, casou-se com o poeta Gonçalves Crespo (1846-1883). Vaz de Carvalho é autora de diversos textos que tematizam a educação feminina. A sua participação também é importante na imprensa periódica, com a qual colaborou por meio de crítica literária e de temas sociais que se faziam expressivos no período, embora muitas vezes viesse a assinar os seus textos sob o pseudônimo de Valentina de Lucena. Para a autora, a educação era interpretada como uma maneira de elevar o intelecto e moralizar o caráter.

² Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), descende de uma família portuguesa ligadas às letras, ao jornalismo, à política e à vida militar. A formação da autora apresenta caráter autodidata, pois nunca frequentou instituições formais de ensino, tendo sido educada pela sua própria mãe. A autora manteve contato com os principais escritores e críticos literários de sua época, tais como Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, entre outros. Após a morte de seu marido, o poeta Gonçalves Crespo, e de um de seus filhos, no ano de 1883, passa a dedicar-se à escrita como uma forma de obter remuneração e, também, cria uma espécie de tertúlia literária, na qual marcou presença o grupo intitulado “Os vencidos da vida”, o qual era formado por políticos, jornalistas e intelectuais do período. A autora colaborou com periódicos brasileiros e portugueses e foi a primeira mulher a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa (1912). O trabalho de Vaz de Carvalho como escritora abrange territórios que abarcam a escrita jornalística, crônica, críticas literárias, ensaio, conto, novela, literatura infantil, biografia, investigação histórica e tradução, por meio dos quais obteve consideração e uma posição de destaque nas letras portuguesas (Nóvoa 2003: 298.).

Vaz de Carvalho direcionou sua reflexão para questões relacionadas à dignificação social e cultural da mulher, com o propósito de criticar elementos profundamente intrínsecos aos padrões socioculturais vigentes no século XIX, tais como o casamento por conveniência e a dependência familiar que, muitas vezes, acabavam conduzindo a situações de degradação extrema como a mendicância e a prostituição (Carvalho 1921: 64-65).

A autora admite que instruir a mulher é uma necessidade imperativa nas sociedades modernas e, na sua compreensão, a problemática se apresenta somente no modo como se objetiva ministrar a educação. Para Vaz de Carvalho a mulher precisa ser educada, pois “absorvida pelo estudo bem dirigido, pelas elevadas distrações intellectuales, assim educada fortalecida, illucidada, verá como ella chega á idade propria de escolher o seu destino, possuindo [...] uma firmeza de principios que a ponha ao abrigo de qualquer tentação menos digna” (Carvalho 1921: 118). Em conformidade com a análise de Belline (1999: 46), é possível traçar linhas paralelas entre o pensamento de Vaz de Carvalho e Eça, concernentes à educação feminina:

Compare-se essa posição da autora com a de Eça de Queirós - tanto nos panfletos das Farpas como na obra de ficção - para quem as causas da superficialidade da mulher portuguesa residem justamente na sua formação exclusiva para o casamento, na sua exclusão da vida pública e na conseqüente reclusão ao pequeno mundo doméstico. Maria Amália revela-se, portanto, mais reacionária do que seus pares masculinos contemporâneos. Quanto ao estilo, é possível encontrar semelhanças com o de Eça no emprego da mesma dureza para apontar a educação anacrônica e os defeitos femininos, a ponto de ser acusada de ser feroz com o sexo a que pertence [...]. (Belline 1999: 46?)

A diversidade de elementos e críticas relativos à educação feminina desenvolvidos em *Mulheres e crianças: notas sobre educação*, apresentados em sincronia com contundentes análises socioculturais do panorama histórico português no século XIX, mostram significativos pontos de intersecção com a forma como Eça de Queirós molda o espaço de suas criações ficcionais e constrói as suas personagens. Nessa perspectiva, a fim de analisar como a representação da realidade se projeta na composição literária, selecionamos os romances *O crime do padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1988), com o propósito de verificar

como as personagens femininas se localizam entre os aspectos que regem a sua presença na sociedade, no âmbito dos espaços das “salas” privadas e dos “salões” públicos e nas relações conjugais; nas vaidades, que se centralizam na preocupação excessiva com as *toilettes* e nos vícios que decorrem de uma vida desprovida de educação, cuja instrução máxima se consubstancializa na educação sentimental formalizada pela leitura de romances.

2. Entre cenas de salas e salões: a educação feminina voltada para a performance social

Maria Amália Vaz de Carvalho, em *Mulheres e crianças*, desenha, com um traço bastante preciso, o panorama da sociedade oitocentista portuguesa e examina as diversas posições subalternas legadas à mulher, as quais foram legitimadas pelos hábitos culturais institucionalizados na Europa neste período. Vaz de Carvalho não pode ser considerada uma intelectual feminista ou uma voz que tenha se insurgido com o propósito de romper radicalmente os paradigmas sociais vigentes. A autora, que em seu exercício intelectual não contraria os preceitos da moral religiosa, destaca a importância da figura feminina no núcleo familiar e doméstico, mas não economiza argumentos para defender a necessidade de se investir na educação em um contexto em que as mulheres se encontravam “amesquinhas pela profunda escuridão intelectual em que jazem imersas [...]” (Carvalho 1921: 9).

O posicionamento de Vaz de Carvalho, para quem “educar a mulher eis o grande problema que resta ainda a resolver” (Carvalho 1921: 11), mostra-se consoante às diversas ideias apresentadas por Eça de Queirós, relativas à educação limitada que a mulher recebia. Muitos aspectos do comportamento característico feminino, analisados por Vaz de Carvalho em *Mulheres e crianças*, ao procurar examinar as mulheres de todas as classes sociais, apresentam uma significativa semelhança com a caracterização de personagens dos romances de Eça de Queirós, o qual ilustra com uma exímia vivacidade a educação frágil e, conseqüentemente, os vícios, corrupções e hipocrisias que modelam o perfil de suas heroínas.

O casamento, desde muito, cedo comprometia o futuro educacional das mulheres, pois a educação das meninas era quase exclusivamente direcionada para a vida matrimonial. Em análise

dedicada às figuras femininas da sociedade portuguesa, cuja projeção estendeu-se para a representação ficcional em seus romances, Eça de Queirós discorre sobre as técnicas que configuravam o “treino” ao qual as mulheres eram submetidas para “capturarem” um marido e conseguirem uma posição valiosa na sociedade:

As mulheres vivem nas consequências desta decadência. Pobres, precisam casar. A *caça ao marido* é uma instituição. Levam-se as meninas aos teatros, aos bailes, aos passeios, para as mostrar, para as lançar à busca. Faz-se com a maior simplicidade esse ato simplesmente monstruoso. Para se imporem à atenção, as meninas têm as *toilettes* ruidosas, os penteados fantásticos, as árias ao piano. A sua mira é o casamento rico. Gostam do luxo, da boa mesa, das salas estofadas: um marido rico realizaria esses ideais. Mas a maior parte das vezes o sonho cai no lajedo: e casam com um empregado a 300\$000 réis por ano. Aquilo começou pelo *namoro* e termina pelo *tédio*. Vem a indiferença, o vestido sujo, a cuia despenteada, o cão de regaço. As que por ventura casam ricas desenvolvem outras vontades: satisfeitas as exigências do luxo, aparecem as exigências do temperamento (Queirós 2000: 676).

Vaz de Carvalho dedica três capítulos de *Mulheres e crianças*, os quais são intitulados como *A dissolução dos costumes e o casamento*, *Casamentos pobres e casamentos ricos* e *A uma noiva*, à análise da forma como as uniões conjugais são firmadas, em um momento em que “ninguém considera o casamento como elle precisa de ser considerado, [...] no seu verdadeiro aspecto, nas suas relações inilludíveis com a sociedade e com a verdadeira moral” (Carvalho 1921: 80). Embora admita a importância das concepções morais e religiosas que deveriam revestir as uniões matrimoniais e a formação das instituições familiares, concentra a sua crítica nos interesses sociais, na possibilidade de ascensão econômica e em toda uma série de frivolidades e caprichos que, segundo a sua análise, orientam o respectivo caminho.

De modo semelhante transparecem, no decorrer da obra de Eça de Queirós, severas críticas à instituição matrimonial, as quais se expressam em análises desenvolvidas pelas personagens como em *O crime do padre Amaro*, quando o médico Gouveia, destaca que “a natureza manda conceber, não manda casar. O casamento é uma fórmula administrativa...” (Queirós 2000: 909), posicionamento que

é reiterado por Julião, de *O primo Basílio*, o qual afirmou em um momento que “o casamento é uma fórmula administrativa, que há de um dia acabar...” (Queirós 2010: 382). Embora Vaz de Carvalho defenda os moldes tradicionais do casamento e da formação da instituição familiar, é possível observar que os comportamentos das personagens nas narrativas queirosianas se aproximam muito das críticas que Vaz de Carvalho tece em relação às atitudes femininas acerca das uniões matrimoniais: “calculam aritmeticamente o que póde provir-lhes em benefícios liquidos d’aquillo a que chamam um *bom casamento*” (Carvalho 1921: 82); “Casa porque a familia quer, casa porque encontrou aquelle rapaz em dous bailes, porque o achou *interessante, sympathico, muito amavel*, porque emfim é um *bom partido*, segundo diz o papá!” (Carvalho 1921: 83).

Em consonância com esse cálculo apresentam-se diversas exemplificações nos romances de Eça de Queirós. Em *O crime do Padre Amaro*, em carta redigida pelo padre Liset, Amaro é notificado sobre o casamento rico de sua irmã: “Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que o casamento não é o ouro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circunstâncias, que o meu querido filho esteja de posse deste facto” (Carvalho 1921: 157). Acerca do desfecho infeliz da personagem Amália, também se atribui, em um primeiro momento, o casamento como solução para contornar a gravidez resultante do envolvimento com o padre Amaro: “-Casá-la já! Enquanto é tempo! *Pater est nuptiae demonstrant...* Quem é marido é que é pai” (Queirós 2000: 791).

A respeito do casamento de Jorge e Luísa, em *O primo Basílio*, as mesmas considerações, apresentadas por Vaz de Carvalho sobre a leviandade dos motivos que conduziam ao matrimônio na sociedade portuguesa oitocentista são narradas para descrever o enlace do casal: “-Casou no ar! Casou um bocado no ar!” (Queirós 2010: 13). E, como justifica a autora de *Mulheres e creanças*, ao afirmar que “na ebriedade d’aquelles primeiros tempos perdoam-se mutuamente os defeitos, que parecem até graciosos, lindos e feiticeiros” (Carvalho 1921: 84), as primeiras impressões que são tecidas acerca da união de Jorge e Luísa seguem a mesma fórmula:

Tinham passado três anos quando conheceu Jorge. Ao princípio não lhe agradou. Não gostava dos homens barbados; depois percebeu que era a primeira barba, fina, rente, muito macia decerto; começou a admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência

e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada. Que sensação quando lhe disse: Vamos casar, hein! Viu de repente o rosto barbado, com os olhos muito luzidios, sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge tinha-lhe tomado a mão: ela sentia o calor daquela palma larga penetrá-la, tomar posse dela; disse que *sim!* ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido de merino dilataram-se docemente os seus seios. Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã! (Queirós 2010: 24)

A diversidade de elementos presentes no fragmento transcrito são minuciosamente examinados por Vaz de Carvalho em *Mulheres e creanças*. A relevância da crítica desenvolvida pela autora, a qual se coaduna aos apontamentos ensaísticos expressos por Eça de Queirós acerca do tema e à representação ficcional do comportamento das suas personagens, reside no fato de que a ausência de uma educação consistente impõe limitações que cerceiam o destino da mulher, a ponto de não existirem alternativas de vida e escolhas sensatas passíveis de serem administradas fora do casamento.

As atrozias críticas desenvolvidas por Eça de Queirós acerca da sociedade portuguesa oitocentista mostram o seu posicionamento cético e todo o cinismo que envolvem as relações conjugais, as instituições familiares e a figura feminina, a qual, desprovida de instrução e de recursos que lhe assegurassem a subsistência de forma independente, bem como de autonomia para gerenciar o próprio destino, expia, nas páginas queirosianas, de maneira inexorável, a culpa das “falhas morais” que cometera, tal como se sucede em relação à Amália e Luísa.

Eça de Queirós, embora muitas vezes apresente a composição de suas personagens de uma maneira quase caricatural, é um exímio observador das particularidades que compõem as fraquezas de caráter dos indivíduos que são retratados em seus romances e, da matéria advinda da realidade social, modela as aspirações e destinos de suas heroínas. A importância atribuída ao casamento como meio de ascensão social, estabilidade familiar ou capricho inconsequente, decorre da ausência de autonomia feminina. A contrapartida é o desencadeamento de vícios, e até mesmo tragédias, amplamente desenvolvidos no trabalho ficcional de Eça.

Nesse contexto, outros aspectos que também integram o cenário oitocentista e estão representados nas páginas queirosianas, são arduamente criticados por Vaz de Carvalho, tal como uma das principais representantes da burguesia feminina do período, a “mulher de sala”, considerada pela autora como “uma nova face da transformação lenta por que vão passando as idéas e os acontecimentos” (Carvalho 1921: 20). Vaz de Carvalho dedica uma detalhada análise a essa figura, excessivamente preocupada com o requinte e a sofisticação exterior e com o aspecto luxuoso de sua *toilette*, considerada pela autora como um “producto exótico” (Carvalho 1921: 20), uma vez que resulta da imitação precária e descontextualizada de um comportamento ao qual a França “deu-lhe todos os requintes falsos, todos os donaires artificiaes, ergueu-lhe um throno no seio das suas côrtes galantes, e deixou que nós, vendo-a de longe a cubiçassemos e tentassemos transplantal-a para os nossos costumes chãos [...]” (Carvalho 1921: 20). As descrições que a autora faz da mulher de “sala”, a qual apresenta alguma instrução referente às línguas estrangeiras, à literatura, leitura, escrita, dança e instrumentos musicais, mostram que esses elementos, contemplados a uma certa distância, podem causar algum encantamento, mas que na realidade não encobrem as frivolidades e ignorâncias geradas em um meio devoto às ostentações exteriores exigidas pela vida social.

Todos esses aspectos que não escapam às observações de Vaz de Carvalho estão presentes no contexto dos romances de Eça de Queirós que, vivamente, os descreve ao compor o cenário de seus romances, tanto no espaço interno das residências onde as personagens desenvolvem as suas ações cotidianas, como no espaço público frequentados pelas mesmas. Na ficção queirosiana a riqueza dos detalhes que compõem os figurinos e as *toilettes* de suas personagens, bem como as suas aspirações que remetem ao luxo e à riqueza, revelam as fragilidades do caráter e os vícios impregnados entre as mulheres da sociedade portuguesa oitocentista.

A construção da ambiência eclesiástica de *O crime do padre Amaro* apresenta aspectos importantes referentes às concepções religiosas das mulheres, as quais direcionavam a sua devoção para as *toilettes* usadas para assistir às missas e aos rituais religiosos, à decoração suntuosa das igrejas e dos altares, tal como o narrador apresenta ao descrever a visão de Amália sobre o assunto:

Amélia mudara muito; crescera: fizera-se uma bela moça de vinte e dois anos, de olhar aveludado, beijos muito frescos [...]. A sua devoção subsistia, mas alternada: o que amava agora na religião e na Igreja era o aparato, a festa – as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro, reluzindo entre os tocheiros, o altar mor na glória das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os uníssonos que rompem briosamente o coro das aleluias. Tomava a Sé como a sua Ópera: Deus era o seu luxo. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se perfumar com água-de-colônia, de se aninhar sobre o tapete do altar-mor, sorrindo ao padre Brito ou ao cónego Saldanha (Queirós 2000: 255).

Em inúmeras outras passagens do romance, cuja temática está centralizada na vida eclesiástica, emergem considerações acerca da importância do luxo do aparato religioso na decoração das igrejas e residências e, por extensão, nas *toilettes* que as devotas escolhiam para a prática dos rituais. Os valores que são apreendidos desse comportamento mostram a competição entre as mulheres que possuíam recursos para ostentar a riqueza e demarcar as posições mais privilegiadas neste círculo social, a exteriorização extrema de vaidades, além de sentimentos como a inveja daquelas se encontravam num patamar inferior.

Em *O primo Basílio*, texto que retrata a classe burguesa de Lisboa, todos esses elementos estão presentes no contexto das “salas”, uma vez que o romance se desenvolve em espaços de cunho intimista. A relação das mulheres com a *toilette* e o luxo fica expressa nesta conversa entre Luiza e Leopoldina:

Luísa apressou-se a perguntar se tinha encomendado o vestido de xadrezinho? E começaram a falar de *toilettes*, fazendas, lojas e preços... [...]

-Se fosse rica, beberia sempre champanhe – disse.

Luísa não; ambicionava um cupê; e queria viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma... Mas os desejos de Leopoldina eram mais vastos: invejava uma larga vida, com carruagens, camarotes de assinatura, uma casa em Sintra, ceias, bailes, *toilettes*, jogo... (Queirós 2010: 191-192).

A mulher que não apresentava condições para competir nesse meio estava destituída de qualquer possibilidade de atingir uma projeção mais elevada na vida social e era consumida por sentimentos de inveja, na forma como são demonstrados pela criada

Juliana: “Odiava-a pelas *toilettes*, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo *homem* que ia ver, por todos os seus regalos de senhora” (Queirós 2010: 228).

O clima aristocrático de *Os Maias*, por sua vez, contextualiza a imponência e o luxo no potencial máximo atingido no meio social lisboeta, tal como é possível observar na apresentação da personagem Maria Monforte, aquela que “fere a tolerância burguesa através do excesso” (Figueiredo 2010: 164), e na série de relações em que todos os atributos que a mesma possui condições de ostentar se projetam sobre a sociedade de Lisboa:

Nunca Maria Monforte parecera mais bela: tinha uma dessas toaletes excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa, e faziam dizer às senhoras que ela se “vestia como uma cômica”. Estava de seda cor de trigo, com duas rosas amarelas e uma espiga nas tranças, opalas sobre o colo e nos braços; e estes tons de seara madura batida no sol, fundindo-se com o ouro dos cabelos; iluminando-lhe a carnção ebúrea, banhando as suas formas de estátua, davam-lhe o esplendor de uma Céres. [...]

Citavam-se os requintes do seu luxo, roupas brancas, rendas do valor de propriedades!... Podia fazê-lo! O marido era rico, ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, a ele e ao papá Monforte... (Queirós 2014: 26-34).

Conforme análise de Monica Figueiredo, no ensaio *Por entre rendas, joias e perfumes de jasmim: a moda segundo Eça de Queirós*, “neste romance, as roupas não são apenas índices históricos ou sociológicos, elas também são instâncias psicológicas que acabam por denunciar forças inconscientes que se materializam através dos adereços e do vestuário” (Figueiredo 2010: 165). É necessário destacar, contudo, que a crítica social que Eça de Queirós desenvolve em seu trabalho ficcional em momento algum apresenta um caráter unidirecional, no que tange às caracterizações depreciativas que envolvem a natureza do comportamento feminino a respeito da exaltação dos objetos que compõem as *toilettes* e a excessiva necessidade de exteriorizar nos salões, e demais espaços públicos, elementos que denotem a devoção às ornamentações luxuosas que viessem a indicar um posicionamento de destaque na sociedade, associado à riqueza e ao poder econômico. A subserviência que os homens também patenteiam face à vaidade das representações exteriores molda o caráter das principais personagens masculinas que transitam nas páginas de Eça de Queirós, cujo

posicionamento, inclusive, exerce grande influência sobre o comportamento feminino, como na relação que se estabelece entre Basílio e Luiza:

Outras vezes, mais sério, dava-lhes certos conselhos de gosto, de *toilette*: pedira-lhe que não trouxesse postiços no cabelo, que não usasse botinhas de elástico.

Luiza admirava muito a sua experiência do luxo; obedecia-lhe, amoldava-se às suas ideias: até afetar, sem sentir, um desdém pela gente virtuosa, para imitar as suas opiniões libertinas (Queirós 2010: 243).

O aspecto mais relevante para a nossa análise, nessa perspectiva, é verificar como a ficção e a crítica social ensaística podem ter uma profunda interação, ao abordarem temáticas provenientes de uma mesma natureza. Destaca-se, nesse ponto, o fato de todos os apontamentos críticos desenvolvidos por Vaz de Carvalho em *Mulheres e crianças*, a respeito do “falso luxo”, em um meio em que “o amor da representação é o nosso cunho nacional, como o desprezo pelos pobres é o timbre e o braço da nossa sociedade, como o luxo é o sonho e a aspiração constante de todos os cerebros” (Carvalho 1921: 35) estão presentes na forma como as personagens queirosianas se movimentam, o que apenas confirma que a modelagem das mesma provinha diretamente do meio social que configurava a sociedade portuguesa do século XIX.

3. A leitura e a evasão romântica: limitações intelectuais da mulher oitocentista

A ociosidade, tal como declarou Eça de Queirós n’*As farpas*, e sobre a qual Vaz de Carvalho discorreu amplamente nas páginas de *Notas sobre educação*, consistiu em um dos graves problemas que minavam o desenvolvimento educacional no cenário português oitocentista. A educação feminina apresentava uma insignificância na vida prática das mulheres, uma vez que, tal como observa Vaz de Carvalho (1921: 62), “no estado presente da educação a mulher está sujeita a uma funesta dependencia, a qual mesmo sem tendência para exagerações declamatorias, se póde chamar escravidão”. Em um âmbito social que as limitava à condição de esposas responsáveis pelos afazeres da casa, a única utilidade dos estudos poderia se reverter na educação dos filhos, o que Eça de Queirós, e grande parte dos intelectuais preocupados com os problemas

educacionais, interpretavam como uma alternativa para o desenvolvimento cultural português.

Conforme indicam registros ensaísticos, Eça de Queirós esteve plenamente inteirado sobre as discussões referentes à educação em Portugal, as quais também abrangiam a educação feminina. Todavia, não foi desenvolvido por parte do autor um debate consistente, no sentido de propor novas direções para as dificuldades educacionais que se instauravam na nação, mas as suas lentes ficcionais são exímias ao captarem os problemas que se podiam encontrar nesse contexto. Ao narrar aspectos da situação educacional institucionalizada em Portugal, Eça de Queirós apresentou um posicionamento que conduz os seus leitores a refletirem sobre o panorama do ensino no período.

A respeito da educação feminina, são identificados elementos nos romanes *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e *Os Maias* que remetem, sobretudo, à educação sentimental, baseada na leitura de romance. Vaz de Carvalho, sob uma perspectiva, incentivou a formação de um público leitor feminino, desde que a mulher tivesse a instrução necessária para discernir adequadamente sobre o conteúdo de suas leituras.

São muitas as indicações localizadas nos romances de Eça de Queirós que, ao tratarem da educação feminina, remetem ao conteúdo das leituras das mulheres e à forma como as mesmas são processadas. Em *O crime do padre Amaro* há a referência ao tratamento indiferente que o mesmo recebe da tia, a qual “não reparava nele; passava os seus dias lendo romances, as análises dos teatros nos jornais, vestida de seda, coberta de pó-de-arroz, o cabelo em cachos [...]” (Queirós 2000: 141) e, posteriormente, a forma hostil como trata Amália, que apresenta consciência das limitações impostas pelo relacionamento:

Aquela paixão, em que estava abismada e que a saturava, tornara-a estúpida e obtusa a tudo o que não respeitava ao senhor pároco ou ao seu amor. Amaro de resto não lhe consentia interesses, curiosidades alheias à sua pessoa. Proibia-lhe até que lesse romances e poesias. Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo? (Queirós 2000: 735)

As impressões de Vaz de Carvalho coincidem com a forma como as personagens queirosianas se expressam, uma vez que as leituras são superficiais e não implicam um discernimento crítico

sobre o conteúdo dos livros. Ao contrário, a tendência é a evasão da realidade, a partir da leitura de romances, tal como é possível verificar na relação de Luísa com a literatura, e de Maria Monforte, cuja inspiração para o nome do filho, Carlos Eduardo, foi proveniente de uma novela:

Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos, entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre ogivas os brasões do clã, mobiliados com arcas góticas e troféus e armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas lendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandaló, Morton e Ivanhoé [...]

Foi com duas lágrimas a tremer-lhe as pálpebras que acabou as páginas de *Dama das Camélias* (Queirós 2014: 18-19).

Para abrandar desde já o papá, Pedro quis dar ao pequeno o nome de Afonso. Mas nisso Maria não consentiu. Andava lendo uma novela de que era herói o último Stuart, o romanesco príncipe Carlos Eduardo; e, namorada dele, das suas aventuras e desgraças, queria dar esse nome ao seu filho... Carlos Eduardo da Maia! Um tal nome parecia conter todo um destino de amores e façanhas (Queirós 2014: 36).

As leitoras retratadas nos textos de Eça de Queirós são profundamente sensibilizadas pelos enredos dos romances que lêem, a ponto de os mesmos exercerem grande influência na forma como as mulheres apresentam o seu comportamento sentimental. No ensaio *Eça de Queirós e suas leitoras malcomportadas*, Lajolo (1997: 1) destaca que a “apresentação bastante detalhada dos livros por entre os quais se movem as personagens queirosianas faz com que a leitura desempenhe papel importante na organização do romance, além de ser peça fundamental na caracterização das personagens”. As leituras realizadas pelas personagens de Eça de Queirós apresentam consistentes indícios referentes aos fenômenos sociais que pairavam sobre Portugal no século XIX no cenário educacional e, por meio das referências intertextuais que emergem da ficção queirosiana, é possível extrair as contundentes críticas que o autor endereça à formação intelectual da mulher burguesa. Como atestam os excertos selecionados de *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e *Os Maias*, a influência da leitura na existência das personagens femininas não ultrapassa o caráter do sentimentalismo e do devaneio romântico, que geram uma espécie de entorpecimento

em relação à realidade e as conduz à atmosfera fantasiosa da aventura e idealizações amorosas.

Nesse ponto, as leituras das personagens queirosianas são capazes de revelar uma série de indicativos socioculturais, os quais são criticados, ironizados e, por conseguinte, combatidos pelo autor. A natureza dos textos que integram as leituras das personagens femininas mostra que o interesse das mulheres está limitado a temáticas superficiais, as quais não ultrapassam a literatura de sentimento, o que confirma a precariedade de sua formação intelectual. Tomando como ponto de partida o ponto de vista de Vaz de Carvalho que afirma que a educação feminina deve dar origem a uma nova espécie de mulher, capaz de tornar-se independente da família e não apenas de buscar a sua subsistência pelas vias do casamento, é possível verificar o quanto as personagens queirosianas encontram-se limitadas pelos círculos das conveniências sociais. A leitura se apresenta como um subsídio para mediar as extensas horas de ócio, desencadeadoras de uma rotina entediante, a qual é referida tanto nos textos ensaísticos de Vaz de Carvalho como de Eça de Queirós. Não apenas o conteúdo das leituras e a evasão que as mesmas provocavam em relação ao ambiente doméstico são objetos de crítica, mas também a total incapacidade das leitoras para identificarem os romances como um produto de natureza ficcional ou, inclusive, como objeto de consumo cultural ligado a interesses mercantis, tal como observa Vaz de Carvalho:

Na sociedade, tal como ella está constituida e continuará a estar por largos e dilatados annos, dous entes, um homem e uma mulher, moços ambos, encontram-se, olham-se, sorriem-se e pensam de si para comsigo que estão *apaixonados*.

Durante alguns dias, alguns mezes, a que elles em falsa e sentimental linguagem chamam *seculos*, repetem um ao outro, n'um tom mais ou menos desafinado os *duettos* de ternura doentia que os romancistas, os prosadores e os *maestros* inventaram para conveniencia sua... dos seus empregarios e editores, e para envenenamento do resto da humanidade (Carvalho 1921: 240-241).

Não se identificam na construção ficcional das leitoras queirosianas nuances de potencial interpretativo, um posicionamento crítico ou questionador em relação ao conteúdo do que lêem, o que evidencia as limitações intelectuais e profundas deficiências na forma como a mulher era educada. A dimensão das

leituras femininas, por conseguinte, apenas comprova as deficiências no sistema educacional, bem como a pobreza de sua formação, que não permitia que os seus interesses se direcionassem para outras modalidades de expressões culturais, artes, ciências e informações de naturezas diversas, uma vez que a sua formação e estilo de vida não possibilitava que as mesmas ultrapassassem a esfera da literatura romanesca e se voltassem para reflexões mais consistentes. O fenômeno da leitura feminina no romance queirosiano pode ser interpretado como um contundente instrumento de crítica e denúncia à sociedade oitocentista, à educação feminina precária e limitada e à ausência de estímulos propulsores a uma reforma adequada nas estruturas sociais. Encontra-se, portanto, na criação literária queirosiana o seu principal instrumento de ação social.

4. Educação como ruptura de modelos sociais estratificados: considerações finais

As descrições do comportamento das mulheres do século XIX, apresentadas por Vaz de Carvalho em *Notas sobre educação*, convergem, em inúmeros pontos, com a forma como as personagens femininas estão representadas nos romances de Eça de Queirós. Vaz de Carvalho investe em uma análise criteriosa e sistemática de diversas nuances que envolvem a vida das mulheres, desde a infância à velhice, abrangendo todas as classes sociais. A crítica da autora é direcionada aos hábitos cristalizados pelo *corpus* social europeu e o modo como tais hábitos foram assimilados em Portugal. A autora não chega a envolver-se com as questões políticas vigentes neste período, nem mesmo aquelas que estavam relacionadas com a educação feminina, de modo que defende, segundo Gusmão (2012: 273), “ [...] mecanismos sutis, arditos (de eficácia duvidosa), para a afirmação do poder feminino no interior das famílias”. Assim, o posicionamento de Vaz de Carvalho não contribui para que as mulheres assumam interesse pelas questões públicas de ordem política.

Muitos elementos defendidos por Vaz de Carvalho tendem a conduzir o leitor a acreditar que a autora manifestava uma preocupação significativa com a independência feminina. Todavia, as suas acepções críticas se direcionam às possibilidades de libertar o homem do pesado encargo relacionado à manutenção da mulher presa ao ambiente doméstico ou limitada aos salões sociais,

desprovida de formação intelectual e sem potencial para oferecer uma contribuição significativa no âmbito familiar e na sociedade burguesa do período.

A geração de Vaz de Carvalho antecedeu às escritoras feministas e suas propostas, examinadas sob uma perspectiva atual, parecem limitadas e desprovidas e qualquer audácia, quando confrontado o patamar que a autora idealizada para as mulheres de sua época com as conquistas femininas que foram atingidas nas esferas culturais, científicas e políticas. Em *Mulheres e crianças* também não é apresentado um modelo educacional único, ideal para nortear a formação tanto masculina como feminina, ou para as mulheres advindas de grupos sociais aristocráticos, burgueses ou populares. Para a autora a mulher é quem deveria empenhar-se em ultrapassar as suas limitações de ordem pessoal e social, aspecto que, como salienta Gusmão “[...] põe em destaque o sempre citado conservadorismo e a falta de sensibilidade em relação às reais dificuldades das mulheres e das classes desfavorecidas” (Gusmão 2012: 276).

As imagens da sociedade portuguesa oitocentista capturadas pelas lentes ficcionais de Eça de Queirós se convertem em contundentes críticas e instrumentos de denúncia dos problemas que assolavam o cenário educacional da época. O autor, que em seu trabalho ensaístico discorreu sobre as questões relacionados aos problemas da educação feminina para os quais nos voltamos no decorrer de nossa análise, emprega amplamente a representação da realidade para compor a tessitura de seus romances. Ao construir o perfil de suas heroínas e as conseqüentes falhas de caráter, independentemente de as mesmas serem provenientes de classes mais populares, como o caso de Amália de *O crime do padre Amaro*, da burguesia, como Luísa, de *O primo Basílio*, ou da aristocracia como as figuras que integram as páginas de *Os Maias*, Eça mostra que o fracasso de suas existências está profundamente ligado à forma como a sociedade do período estava configurada. Em um meio em que a mulher se encontrava presa ao jogo das convenções sociais, desprovida de uma educação adequada e de recursos intelectuais que viessem a assegurar a sua independência, o destino que se impunha sobre a existência das mulheres conduzia, inexoravelmente, a severas fatalidades.

A convergência entre o romance queirosiano e as apresentações ensaísticas de Vaz de Carvalho acontece, portanto, na forma como a figura feminina é ilustrada em relação à sua presença coadjuvante no contexto social português. As tintas com que Vaz de Carvalho ilustra as mulheres para as quais dirige as suas críticas coincidem com os modelos que Eça de Queirós retrata em seus romances. Embora ambos autores tenham construído um trabalho artístico-intelectual fundamentado em posicionamentos ideológicos e políticos de natureza adversa em muitos aspectos, podemos concluir que a vivacidade das representações capturadas pela ótica ficcional de Eça aproxima-se, em diversos pontos, dos modelos femininos estudados por Vaz de Carvalho, sempre subsistindo a crítica às formas vigentes na sociedade oitocentista e a proposta dos dois autores, embora amparada em convicções ideológicas diferenciadas, volta-se para a libertação contra as trevas da ignorância que, até então, pareciam imperar sobre o sistema educacional português.

Bibliografia

- Belline (1999): Ana Helena Cizotto Belline, "Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas?", *Via Atlântica* (Rio de Janeiro), n. 2, pp. 43-56.
- Bernardes (2012): Joana Duarte Bernardes, *Eça de Queirós: riso, memória, morte*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Carvalho (1921), Maria Amália Vaz de Carvalho, *Mulheres e crianças* (notas sobre educação). Porto, Companhia Portuguesa Editora; Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos.
- Cunha (2004): Maria do Rosário Cunha, *A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina.
- Figueiredo (2010): Monica Figueiredo, "Por entre rendas, joias e perfumes de jasmim: a moda segundo Eça de Queirós", *Abril* (Rio de Janeiro), v. 3, n. 5, pp. 149-171.
- Gusmão (2012): Emery Marques Gusmão, "Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de

- Carvalho”, Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 25, n. 50, pp. 269-289.
- Ortigão (1990): Ramalho Ortigão, *As farpas*, Porto, Clássica Editora, v. VIII.
- Queirós (2000): Eça de Queirós, “Uma campanha alegre: das farpas”, in *Obras completas*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- Queirós (2000): Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro*: (2ª e 3ª versões), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Queirós (2010): Eça de Queirós, *O primo Basílio*, São Paulo, Abril.
- Queirós (2014): Eça de Queirós, *Os Maias*: episódios da vida romântica, Rio de Janeiro, Zahar.
- Quental (1982): Antero Quental, “Educação das mulheres”, in *Prosas sócio-políticas*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Lajolo (1997): Marisa Lajolo, “Eça de Queirós e suas leitoras malcomportadas”, *Revista Mulheres e Literatura*, v. 1. Disponível em: “<http://litcult.net/site/eca-de-queiros-e-suas-leitoras-malcomportadas>”
- Matos (1988): Alfredo Campos Matos(Org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho.
- Silva (2003): Amaro Carvalho da Silva, “CARVALHO, Maria Amália Vaz de”, in António Nóvoa (Dir.), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa Editores, 2003.
- Saraiva; Lopes (1996): Antônio José Saraiva; Óscar Lopes, *História da literatura portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- Sousa (2008): Márcio Jean Fialho de Sousa, *A postura de Eça de Queirós à luz dos debates educacionais em Portugal*, 106 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo.